



FANZINE PUNK COMO MÍDIA ALTERNATIVA

Regina Rossetti¹

David Santoro Junior²

RESUMO: O movimento *punk* partiu da Inglaterra para o mundo no início da década de 80. Por ter sido incompreendido e discriminado, o significado da expressão *punk* foi distorcido pelas mídias tradicionais, que não ofereciam espaço para que os *punks* buscassem informações e expressassem sua cultura. Dado este contexto, o lema "Faça você mesmo" prevaleceu e eles construíram sua própria mídia alternativa para se comunicarem: *os fanzines punks*. Este artigo objetiva caracterizar o *fanzine* como um meio de comunicação alternativo no movimento *punk*. Por meio de pesquisa bibliográfica em livros e artigos de publicações recentes sobre o movimento *punk* e *fanzines* e sobre o pensamento das tecnologias na era da informação, conclui-se que os *fanzines* foram a principal mídia alternativa de divulgação do movimento *punk*.

PALAVRAS-CHAVE: *Fanzine; cultura punk; mídia alternativa.*

¹ Doutora em Filosofia pela USP com pós-doutoramento. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. E-mail: rossetti.regina@uol.com.br

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. E-mail: davidsantoro@ig.com.br

Introdução

Este artigo objetiva caracterizar o *fanzine* como um meio de comunicação alternativo no movimento *punk*. Partindo do contexto social que não permitia o acesso às mídias tradicionais na década de 80.

Há também a preocupação de contextualizar a história dos *fanzines*, pois há uma divergência entre os pesquisadores em relação a sua origem, alguns atribuem o seu surgimento ao movimento *punk*, outros indicam que as primeiras publicações deste gênero ocorreram no início do século 20, e que o *punk*, foi um fator que propagou esta forma de expressão, sendo assim, o motivo do qual o seu surgimento é associado a esta cultura.

A pesquisa feita para este artigo informa as origens, a forma de produção, o posicionamento e a distribuição. Em relação aos *fanzines* punks, há o perfil sobre as principais publicações americanas, as primeiras edições brasileiras, e a análise do conteúdo e informações que eles transmitiram aos punks, para que o movimento fosse compreendido e deixasse de ser discriminado pela sociedade.

As origens dos Fanzines

Fanzine é um neologismo formado pela contração das palavras inglesas *Fanatic* e *Magazine*, que foi criado em 1941, por Russ Chauvenet, em português o sentido seria algo como: revistas de fãs, que são publicações amadoras, produzidas por fãs e destinadas aos fãs de algum tipo de expressão artística, os primeiros *fanzines* surgiram nos Estados Unidos, na década de 30, com autores de ficção científica, era a única forma de jovens artistas publicarem seus trabalhos, que eram classificados como subcultura, ou subliteratura. (MAGALHÃES, 2013).

Resistência e inovação são as principais características dos *fanzines*, por elas, difundiram novas tendências culturais e tornaram-se uma forma de expressão artística. Por serem independentes, transformaram-se em publicações reflexivas que analisam aspectos da arte com desprendimento e senso crítico a liberdade de expressão, é consequência destas publicações não possuírem fins lucrativos.

O primeiro *fanzine* brasileiro surgiu em 1965, e recebeu o nome de boletim, a edição foi produzida em Piracicaba, São Paulo, por Edson Rontani, e foi chamada de Boletim *Cincia-Fico Alex Raymond*, e era dedicado às histórias em quadrinhos. Somente no final da década de 70 que o termo *fanzine* ficou conhecido devido as publicações relacionadas ao movimento *punk*.

Os *fanzines* estão inseridos na folkcomunicação e são considerados publicações marginais, porque são distribuídos as margens do mercado editorial e possuem forte apelo comunitário, representam manifestações artísticas que são menosprezadas pela grande imprensa, e o pensamento de indivíduos, associações e grupos aficionados por algum assunto, que produzem seus próprios manifestos para trocar informações e experiências para enriquecer seus conhecimentos sobre o que é estudado. (MAGALHÃES, 2013).

Nos quadrinhos as edições foram o caminho para apresentar novos cartunistas à um público interessado em novidades, o que viabilizou a propagação e divulgação de novos artistas gráficos no mercado local, pois a indústria editorial estava concentrada nas publicações de sucesso comercial de cartunistas estrangeiros, devido ao retorno financeiro. Por suas características libertárias e independentes o *punk* fez do *fanzine* seu canal de comunicação, por ser um movimento urbano, as principais capitais mundiais, como Londres, Nova Iorque e São Paulo, tiveram cada uma várias edições que enfocavam os assuntos de interesse como: música, comportamento, posições políticas e agenda de apresentações.

Fanzines são fontes da vanguarda cultural da sociedade, são diversos os assuntos abordados, no campo das artes visuais, eles são os meios pelos quais novas linguagens são experimentadas, grandes nomes como: Angeli, Zivaldo, Laerte e Paulo Caruso, iniciaram suas carreiras em *fanzines*, e hoje além de publicarem seus trabalhos em grandes jornais como Folha e Estado de São Paulo, também são influências de jovens cartunistas. A linguagem textual traduz exatamente as gírias e termos utilizados para os grupos destinados, grandes editoras não possuem aproximação com estes públicos para produzir algo destinado a eles, desta forma, grandes grupos editoriais buscam referências nos meios independentes para inovar no projeto gráfico e estilo textual,

habilitando-se assim, com a linguagem de uma tribo urbana para estabelecer um canal de comunicação que atingirá um grande público.

Características de produção dos Fanzines

Fanzines objetivam o aprofundamento sobre o conhecimento de algum objeto que justifica a sua produção, as tiragens são baixas e dirigidas a um público restrito, interessado e que possui conhecimento sobre o assunto focado, a produção editorial e gráfica é amadora e realizada com baixo investimento, porque em alguns casos, as vendas não pagam as poucas cópias feitas para a sua distribuição, o que os afastam dos veículos de massa, por outro lado, os assuntos tratados são discutidos profundamente pelos leitores que o classificam como um meio de intercâmbio de informações, com opiniões críticas que geram debates que terminam por influenciar publicações maiores. (MAGALHÃES, 2013).

Até o final da década de 80, os *fanzines* tinham a concepção de veículos impressos e ocupavam um espaço paralelo às publicações do mercado, mas isto não significa que eles eram uma imprensa alternativa, porque eles não são uma opção de mercado para a indústria editorial. Eles representam uma cultura livre e independente que não está comprometida com o mercado editorial que produz para um grande público. Como um veículo de comunicação dirigida, ele atende as expectativas de um público pequeno e qualificado.

Inicialmente os meios de impressão utilizados eram rudimentares para pequenas tiragens, a fotocópia e o mimeógrafo eram os mais utilizados, a edição dos conteúdos antes do surgimento dos programas de editoração, eram feitas a mão livre ou datilografadas, as ilustrações eram produzidas pelo próprio editor, ou feitas por jovens cartunistas que desejam divulgar seus trabalhos. Com o surgimento dos programas editoração eletrônica e a internet, que possibilita a utilização de ilustrações e imagens com qualidade razoável, o visual gráfico tornou-se mais profissional e o acabamento estético varia conforme o conhecimento do editor sobre estes programas e o seu conhecimento sobre o Design Gráfico.

Atualmente com os sistemas digitais de impressão, como fotocópias coloridas e até mesmo o offset digital, que possibilita pequenas tiragens com alta qualidade, os *fanzines* podem ter características similares às publicações editoriais de massa. Visualmente perdeu-se a característica de publicação amadora, na qual era possível perceber o traço, o estilo e até mesmo o suor de seu editor, mesmo com todas as tecnologias disponíveis, os editores mantêm a linguagem textual independente e a sua ideologia de ser livre para publicar o seu verdadeiro ponto de vista sobre um determinado assunto. (MAGALHÃES, 2013).

Craig O'Hara complementa que os *fanzines* da cultura *punk* também aderiram as novas tecnologias de editoração e impressão que os tornou mais profissionais, porém eles continuavam sem numeração de páginas, talvez isto seja uma forma de acreditar na ordem em meio a desordem, que é um princípio anarquista. Alguns *fanzines* tornaram-se populares, o que resultou em um aumento considerável na sua tiragem, e na sua forma de distribuição, que passou a ser em grandes lojas. O lado positivo é que esta mudança possibilitou a propagação da cultura *punk* entre pessoas não tinham nenhuma ligação com o movimento.

Fanzine e a Folkcomunicação

O termo folkcomunicação surgiu com os estudos de Luiz Beltrão em sua tese de doutorado, é uma pesquisa científica que objetiva o estudo da comunicação popular e o folclore nos meios de comunicação de massa. Os *fanzines* enquadram-se neste modelo, por ser um produto de povo para o povo, que possuem a linguagem do grupo a que se destina, a paixão pelo assunto tratado é debatida com entusiasmo e a relação entre os participantes do grupo se aprofunda ao mesmo tempo em que eles expressam o seu apego pelo objeto de estudo. O olhar investigativo é estimulado paralelamente à liberdade de expressão, com debates que promovem análises construtivas que desenvolvem o conhecimento. Numa perspectiva de comunicação, os editores e leitores desenvolvem linguagens próprias ao grupo a que pertencem, fãs de quadrinhos possuem seus jargões, assim como os fãs de *rock* possuem os seus, são termos próprios de cada grupo, a linguagem habitual de cada objeto é aplicada visual e textualmente. A

utilização destas linguagens é um código no qual os membros podem distinguir quem é integrante. (CORNIANI, 2010).

Os assuntos tratados nos *fanzines* são objetos de paixão de pessoas que se unem por este motivo, o editor é o indivíduo que não se contenta em assumir uma posição passiva em relação a sua adoração, ele deseja investigar, conhecer os detalhes do objeto. A publicação é o meio pelo qual ele reúne seus semelhantes para iniciar uma discussão e assim debater os assuntos de interesse pessoais e do grupo.

Fanzines e a imprensa alternativa

Os *fanzines* confundem-se com as publicações alternativas porque são produções independentes e tratam assuntos que não circulam na grande imprensa. *Fanzines* são caracterizados pelas informações e críticas reflexivas e a imprensa alternativa caracteriza-se pela divulgação de trabalhos artísticos, ambos são considerados veículos marginais devido a sua auto-edição.

Uma das características mais importantes dos *fanzines* é que seus editores se encarregam de todo o processo de produção. Desde a concepção da ideia até a coleta de informações, a diagramação, composição, a ilustração, a montagem, a paginação, a divulgação, a distribuição e a venda, tudo passa pelo domínio do editor, que aprende a lidar com o produto jornalístico de uma forma global. O controle de todo o processo editorial, embora exija mais tempo e habilidade, dá ao editor maior liberdade de criação e execução da ideia. (MAGALHÃES, 2013, p. 45.)

Os *fanzines* não são um negócio sustentável para o editor, que se encarrega de todos os processos produtivos e também não possui expectativas de retorno financeiro, esta é razão pelo qual as publicações durem pouco tempo e não tenha uma periodicidade regular.

A falta de periodicidade dos *fanzines* os torna publicações efêmeras; a maioria deles não consegue estabelecer uma concepção editorial clara que lhe proporcione o fortalecimento e amadurecimento da publicação. Uma das razões para esta inconstância é seu caráter amador, seus editores não sobrevivem das edições. Os *fanzines* são uma atividade paralela, dentro do pouco tempo livre que lhes sobra. As dificuldades de encontrar novas informações, os custos sempre crescentes e o considerável trabalho que é organizar uma nova edição são também fatores responsáveis pela demora e, não raro, pela extinção de muitos *fanzines*. (MAGALHÃES, 2013, p.45)

Após o AI5 o governo instalou censores nas redações dos principais veículos de informação do Brasil, por isto, a grande imprensa foi controlada pelo governo, que a impedia de publicar informações sobre os acontecimentos políticos, coube a imprensa alternativa registrar os fatos deste período e alertar a sociedade civil, as organizações populares e seus movimentos de base. Os veículos independentes eram liderados por intelectuais de oposição ao regime estabelecido e não possuíam nenhum vínculo com as classes dominantes, eles transmitiam a opinião de grupos como: amigos de bairro, classes eclesiásticas e grupos estudantis. Por isto eles ficaram conhecidos por ser uma forma de resistência política na América Latina devido aos regimes ditatoriais empregados. (MAGALHÃES, 2013).

Em 1969 surgiu o formato tabloide que foi empregado na maioria das edições alternativas, por isto este formato ficou associado a esquerda e a resistência política. Craig O'Hara afirma que alguns *fanzines* americanos com posicionamento político contrário aos governos americanos, adotam o formato tabloide por ser uma linguagem de esquerda, no Brasil os tabloides eram o formato mais empregado nas publicações clandestinas, que possuíam pequenas tiragens e a distribuição era precária, mesmo assim eles representaram o maior fórum de debates sobre as condições sociais e políticas brasileiras conscientizando a imprensa oficial.

Os veículos alternativos perderam espaço com a abertura democrática iniciada no governo *Geisel* devido às pressões populares, porque a grande imprensa teve liberdade para publicar assuntos proibidos até então. O golpe de misericórdia para a pequena imprensa independente, foram os atentados a bancas de jornais realizados por extremistas de direita que não concordavam com o rumo democrático que o país assumia. Alguns editores afirmam que os *fanzines* são independentes, mas não são alternativos porque não são produtos que concorrem com as publicações da imprensa tradicional. A semelhança dos *fanzines* com a imprensa alternativa esta na produção e distribuição, o que realmente difere um do outro é o conteúdo, a revista é um meio de divulgação de artistas que ainda não possuem espaço nos meios de grande penetração e os *fanzines* são os veículos que discutem o trabalho destes artistas. (MAGALHÃES, 2013).

Fanzines no movimento Punk

Os primeiros *fanzines punks* brasileiros surgiram em 1981, foram eles: o Factor Zero, editado por David Strongos, da banda Anarcolátras de São Paulo, e Exterminação de São Bernardo do Campo, editado pela banda *Ustler*, ambos refletiam o espírito *punk* e *hardcore*. Nesta fase os *fanzines punks* eram editados pelos artistas que registravam a sua própria história e a divulgava para os seus seguidores, reforçando assim a aproximação de artista e publico, os editores são pesquisadores e sujeitos de suas publicações. No final dos anos 70 a produção cresceu por causa dos diversos fãs clubes de cantores, músicos e pelo movimento *punk*. (OLIVEIRA, 2006).

Foi com este movimento que apareceram os *fanzines* voltados exclusivamente para a música *punk*, ou dos *punks* enquanto grupos de militância e atitude contestadora. Um marco neste tipo de *fanzine* aconteceu em 1976, quando foi lançado Sniffing Glue(Cheirando Cola). Segundo Antônio Bivar, o editor do *fanzine* Mark Perry, na época um bancário entediado de 19 anos, um dia ouviu um disco da Banda Ramones, assistiu ao grupo ao vivo e, entusiasmado decidiu escrever uma critica a respeito. Assim surgiu o primeiro *fanzine punk*, com oito páginas e duzentos exemplares de tiragem. (MAGALHÃES, 2013, p.45)

Para O'Hara (2005), os *fanzines* surgiram no final da década de 70 em função do movimento *punk*, e desde seu surgimento possuíam os mais variados gêneros, que abordavam temas como: pornografia, sexo, ativismo político, universo *gay* e alguns eram até mesmo conservadores, para ele estas publicações são o principal meio de intercâmbio do movimento, porque eles são feitos por *punks* para *punks*, o que reforça a afirmação de Henrique Magalhães sobre os *fanzines* serem produtos de fãs, para fãs.

Os primeiros tiveram vida curta porque eram apenas diversão para seus produtores, as páginas não tinham numeração, eram impressos por copiadoras e distribuídos pelo correio, eram produtos sem rentabilidade para seus editores, que tinham uma grande ânsia em expressar suas ideias, opiniões e pensamentos. Haviam também os *fanzines* picaretas e sem criatividade que utilizam a argumentação *punk*, porém possuem resenhas e espaços publicitários e na opinião dele, com entrevistas chatas que nada acrescenta à quem procura informação.

No livro *A filosofia Punk*, mais do que barulho, Craig analisou os três maiores *fanzines* americanos, que são: o *Flipside*, o *Slash* e o *Maximunrockandroll*, todos

possuíam tiragem acima de mil unidades e traziam matérias sobre música, política, filosofia e estética.

O *Flipside* custava 25 centavos de dólar era grosseiro e tosco, possuía uma temática adolescente e foi classificado como uma diversão boba, o *Slash* era mais adulto e intelectual e por isto tornou-se o maior da Califórnia e até entrevistou *punks* europeus, com o seu crescimento ele se tornou uma revista, perdeu o enfoque *punk* e ficou conhecido como um veículo de música alternativa, ele tinha um ideal inspirado na filosofia *Do it yourself* (Faça você mesmo), que era: Seja mais que uma testemunha, qualquer um pode e deve possuir a sua publicação.

Em São Francisco, havia o *Fanzine Maximumrock'n'roll*, que teve até um programa de rádio que abordava como tema a música, a política e os ideais da filosofia *punk*, por possuir um conteúdo denso e coerente, este *fanzine* chegou a ser distribuído em Paris e para outras capitais europeias, o que fez com que a comunidade *punk* mundial se unisse. O editor também incentivava seus leitores a participarem da produção de conteúdo, com isto o *Maximumrock'n'roll* teve publicações de várias regiões do mundo, o que serviu para unir e comparar os interesses e a forma como os indivíduos assimilavam o movimento ao redor do mundo com matérias sobre a América do Sul e da União Soviética.

A iniciativa dos *fanzines punk* em incentivar a produção de conteúdo dos leitores em suas publicações, atualmente é algo comum, segundo Gillmor (2005), a produção de conteúdos midiáticos pela audiência esta em pleno desenvolvimento e com um índice maior do previsto na década de 90. Coincidentemente a coprodução foi amplamente explorada com a era do conhecimento que tem o Pierre Lévy como um importante estudioso, porém o motivo desta participação possui motivos diferentes, atualmente as pessoas criam seus conteúdos devido à facilidade de publicação que os meios digitais possibilitam nos anos 80. Os *fanzines* eram uma forma de expressão de um grupo que apreciava uma cultura marginalizada pelos meios de comunicação, a participação dos adeptos do movimento, era uma forma de produzir conteúdos que representassem a diversidade cultural existente meio, além de ser uma forma de exercer a igualdade, que é um dos valores do *punk*.

O editor Tim Yohannani acreditava que as publicações independentes, eram um reflexo das crenças e ideais de quem as produzia, seu *Fanzine Maximumrock'n'roll*, propunha um diálogo de participação cidadã com temas como: política, igualdade social, música e entretenimento sobre o ponto de vista *punk*. Ele recebeu críticas por definir o que era ser *punk*, e também pelo poder que a sua publicação teve entre os leitores, que o tinha como uma referência para apoiar ou boicotar algum político ou produto comercial. Também foi criticado por uma suposta manipulação entre os mais jovens. O fato, é que o editor tinha sua posição sobre o que acreditava e tomava atitudes polêmicas, como a exclusão de uma matéria sobre uma banda *Skinhead*, que ele justificou que não daria espaço para reacionários que contribuía para o crescimento da estupidez e do racismo.

Os objetivos do *Maximumrock'n'roll*, eram: Promover um fórum de discussão que refletisse o ativismo progressista da cena *punk*; ser um veículo que promovesse o desenvolvimento das atividades ligadas ao movimento; proporcionar mudanças internacionais na política, na cultura e na sociedade e ligar as pessoas, torna-las ativas em relação aos ideais do movimento com ações positivas. Este *fanzine* ampliou suas atividades com a promoção de shows alternativos, com a instituição de uma editora própria e uma loja de discos, todas as atividades não tinham fins lucrativos, e objetivavam promover o ideal *punk*. Para Tim Yohannani, o melhor exemplo que o *fanzine* poderia dar aos seus leitores, era a integridade da equipe, que não recebia salários, e a transparência com a publicação dos relatórios financeiros.

O *Fanzine Profane Existence* era o mais radical, ele defendia os ideais anarquistas e promovia bandas politizadas, inicialmente seu formato era 21x28cm, mas ele passou a ter o formato de tabloide que ficou associado à imprensa alternativa e jornais de esquerda, também teve uma grande difusão e chegou a ser distribuído na Europa. Seus redatores eram influenciados pelos *punks* ingleses e politicamente agressivos, que fez com que esta publicação fosse a segunda mais influente. Os ideais eram promover o ativismo cultural e anarquista, porque acreditavam que esta era a forma de combater a alienação que mantém a sociedade separada e pacífica. Em outros países este *fanzine* foi utilizado como fonte de informações sobre as novidades do movimento e também como forma de compreensão de seus ideais.

O *Maximumrock'n'roll* perdeu sua força e ativismo com a morte de seu editor e o *Profane Existence* deixou de ser publicado, o que deixou a cena *punk* vazia, porém estas publicações deixaram um grande legado para contar a história do *punk* e também para servir como fonte de pesquisa, pois eles cumpriram o papel que propunham que era comunicar ideias e definir a cultura e a filosofia *punk*. (O'Hara, 2005).

No Brasil, a diagramação caótica, a proposta intransigente utilizada nos *fanzines punks* influenciou as edições anarquistas fora do meio *punk*, mesmo na música, o fato do artista compor seu material de publicação, também influenciou compositores de outros gêneros, como o *Mulheres Negras*, que editaram seu próprio *fanzine* no final dos anos 80, pelo Brasil surgiram publicações de heavy metal e para skatistas entre outros, Raul Seixas merece destaque, porque muitos *fanzines* sobre a sua vida, obra e ideologia foram publicado pelos seus fãs, a banda *punk* Cólera editou o CIC, Centro de Informações do Cólera, que era distribuído em apresentações, lojas de discos e locais frequentados pelos *punks*, no final dos anos 80 os *fanzines* entraram em crise devido ao custo de impressão que elevou-se, que resultou na diminuição das edições. (MAGALHÃES, 2013).

Fanzines contam as história do movimento no Brasil

Antônio Carlos Oliveira realizou uma pesquisa com os *fanzines* brasileiros, e produziu um livro que conta a história do movimento, inicialmente os *fanzines punks* brasileiros tratavam apenas das bandas, com a evolução do movimento para outras áreas além da música, as publicações passaram a tratar temas cotidianos, comportamentais, políticos e também se posicionaram em relação aos conflitos que existiam entre os diversos grupos da capital, da periferia e do ABC, o que contribuiu para que a paz entre eles fosse selada no movimento Começo do fim do fundo.

Desde o início, o *fanzines* paulistas tinham a missão de divulgar a agenda cultural, orientar sobre os ideais e a representatividade da filosofia do *punk*, acreditava-se que assim a forma de agir seria coerente com os ideais do movimento, e também, corrigir as falhas apresentadas. As publicações eram uma forma de intercâmbio, pois jovens que

viviam longe da capital e não poderiam comparecer aos shows, onde havia a troca de informações e a socialização, poderiam obter o conhecimento (OLIVEIRA, 2006).

Além dos integrantes de bandas que produziam os seus *fanzines*, o autor cita um estudo feito pelos estudantes de jornalismo da PUC, que produziu o jornal laboratório chamado Lixo Reciclado, que reunia pautas com os editores de *fanzines* da cidade. Não havia rivalidade entre eles, era comum nos editoriais ofertas de ajuda para iniciar um projeto novo, assim o conhecimento era transferido pelos mais experientes àqueles que desejavam expressar sua opinião, acreditava-se que quanto maior fossem as opiniões melhor seria para todos. Era comum uma publicação conhecida ser distribuída com outro *fanzines*, que a acompanhava na forma de encarte.

No número 5, Mark aconselha aos leitores: Não se satisfaçam com o que nós escrevemos. Saiam e comecem seus próprios *fanzines*, ou mandem suas críticas à imprensa do sistema, vamos pegá-los pelos nervos e inundar o mercado com a escrita punk. (OLIVEIRA, 2006, p.22)

As edições paulistas não eram escritas somente para *punk*, havia a preocupação dos produtores de que eles alcançassem o maior número possível de leitores, o objetivo era instruir aqueles que não eram da cena sobre o assunto e assim não discriminar. A participação dos leitores era incentivada, as matérias solicitavam que eles escrevessem para emitir suas opiniões e contribuições.

O período de 1977 a 1981 é conhecido como caverna, nesta fase as informações chegavam somente pela grande imprensa, que distorcia o significado da cultura, e gerava ruídos de ações e comportamentos dos primeiros adeptos, como a violência exagerada e o uso de símbolos como a suástica, que eram adotados por desinformados que estavam influenciados pela imprensa. Este período ficou marcado pela grande rivalidade e disputa de território entre os grupos, que duelavam para obter o respeito através do medo e para provar quem era mais *punk*.

Talvez os confrontos acontecessem também porque os chamados grupos *punks* não tinham unidade, eles eram formados por *punk*, roqueiros e *hippies*, a violência pode ter sido uma forma de deixar no movimento somente quem era *punk*. O ano de 1982, é grande ano para a cultura *punk*, mundialmente o movimento voltou revigorado, em São Paulo surgiram muitas bandas e muitos *fanzines* que contribuía para esclarecer e

divulgar os assuntos de interesse, registram também os primeiros contatos para que houvesse paz entre os grupos. Como medida para conter as confusões, além da agenda de apresentação, informava o trajeto para chegar ao local, e também um conselho para que os ônibus não fossem depredados, pois todos precisariam deles para voltar, havia um lembrete para que ninguém esquecesse os documentos, pois era perigoso andar sem e acabar preso. (OLIVEIRA, 2006).

Os *fanzines* denunciavam ações de violência da polícia em relação aos *punks*, pois a versão deles não interessava aos veículos tradicionais. Como o fato ocorrido em 26 de março de 1983, sobre um *show* que foi interrompido na rua São Caetano em que vários garotos foram presos e tratados como marginais e a casa foi fechada mesmo com alvará de funcionamento. Denúncias de interesse a população também eram pautas, em 1984 foi publicada uma matéria que mostrava os números dos mortos pela Rota, grupo de elite da polícia militar de São Paulo, com o título: Uma Polícia Pronta para matar.

Problemas sociais da cidade foram assuntos nos *fanzines*, que publicaram sobre o descaso com os migrantes nordestinos que chegavam à cidade sem condição, e viviam em condições sub-humanas. Outro assunto de grande repercussão foi sobre a cidade de Cubatão quem em 1984 tinha um alto índice de poluição, ao ponto de crianças nascerem deformadas e sem cérebro. Ainda neste ano, aconteceu um grave incêndio na favela Vila Socó em Cubatão, causado por um vazamento de gasolina das canalizações da Petrobrás, os bombeiros não conseguiram conter o fogo, 190 pessoas morreram e somente 15 delas foram reconhecidas, as demais ficaram sepultadas, quando os bombeiros derramaram cal pelo terreno, Os *fanzines* denunciaram estes fatos que transcenderam a cultura *punk*, o que comprova o amadurecimento do movimento.

Havia um combate contra a violência gratuita, e os *fanzines* cobriam os eventos em que ela ocorria e criticavam aqueles que a praticaram, quando os eventos ocorriam pacificamente, como o 1º Festival *Punk* de Presidente Prudente, que aconteceu no dia 24 de março de 1984, o argumento era de incentivo, pois o movimento precisava de manifestações como esta.

Para conter a onda de violência e a guerra entre punks que se instalou na cidade de São Paulo, os *fanzines* discutiram o que era ser *punk* em busca de um padrão de conduta, era a busca de um caminho para corrigir a imagem ruim construída, esta

discussão passou a questionar e julgar os indivíduos, as opiniões divergiam e o desejo de limpar o movimento e excluir aqueles que supostamente não eram *punks* verdadeiros, gerou ainda mais confusão, embora os *fanzines* alertassem que a violência deveria ser inteligente e jamais chegar as vias de fato. (OLIVEIRA, 2006).

As drogas foram alvos dos *fanzines*, que alertavam os jovens sobre os riscos que elas proporcionavam, para os editores os entorpecentes eram uma ferramenta do sistema para anestesiar a juventude e assim facilitar a sua condução, livre deste mal, os jovens poderiam ter consciência dos problemas sociais e ter uma participação ativa nestas questões, que eram valorizadas pelos *fanzines*, que convocaram os *punks* para manifestações pacíficas para reivindicações ambientais, para apoio a causas sindicais, além de congressos estudantis, pois o movimento precisava ter uma proposta ativa e positiva para a sociedade.

O significado da anarquia era confuso entre os *punks*, que quando interpretavam de maneira errada cometiam atos de desordem e destruição gratuita por acreditar que este era o seu real significado, coube aos editores dos procurar esclarecer o assunto, os meios utilizados foram resumos e interpretações de textos anarquistas como o do russo Bakunin, além de indicar livros sobre o tema, como o: O que é Anarquismo, de Caio Túlio Costa, que foi o mais citado, as publicações de São Paulo afirmava que os *punks* deveriam se unir e discutir os problemas para encontrar soluções, esta seria a melhor forma de anarquizar e combater a classe dominante. Porém a dificuldade do assunto não esclareceu o seu significado, João Gordo disse que a anarquia dos *punks* brasileiros não estava com nada, para eles era só bagunça, e que mesmo ele não entendia o seu real significado. (OLIVEIRA, 2006).

A participação dos leitores do *fanzine SP Punk* levou a questionamentos como: Se o *punk* é anarquista, porque apoia um partido de esquerda como o PT? A resposta do editor da publicação Callegari, foi que esta era a melhor alternativa que eles tinham, e que a anarquia não poderia ser empregada rapidamente.

O serviço militar obrigatório foi alvo dos *punks*, porque além de ser algo imposto pelo estado, uma quantia enorme de dinheiro era gasto, sem que houvesse retorno, para sustentar o discurso, eles se apoiaram em dados da ONU, que indicava que as despesas militares da época estavam em torno de Um milhão de dólares por minuto e que este

investimento deveria ser utilizado para o combate à fome e evitar a morte de 60 mil crianças por dia.

A imprensa divulgava o movimento *punk*, distorcia a sua ideologia e valorizava os atos de violência, tornando-os antipáticos para a população, coube aos *fanzines* tentar desfazer mal entendido e esclarecer o significado da cultura, as reportagens eram exemplificadas e criticadas pelos editores que apontava e esclarecia os erros de interpretação publicados, como nas reportagens: Geração Abandonada do Jornal O Estado de São Paulo; Cuidado com eles, da revista Isto É e Punks do Brasil, o que eles querem é agredir, da Revista Contigo.

O movimento em outros países foi divulgado, merece destaque uma matéria sobre o *punk* holandês, que serviu como um alerta para que algo assim não se ocorre por aqui. Os números de fascistas ou *naziskins* aumentavam, eles possuíam bandas que passavam mensagens como Holanda Branca, que desejava excluir os negros daquele país, os confrontos eram de ambos os lados, ora dos fascistas contra negros, ora de grupos liberais que combatiam os *naziskins*. Na Alemanha foi relatada uma manifestação *punk* que ocorreu com a comemoração dos 20 anos do muro de Berlim pelo governo comunista, os *punks* estenderam faixas com os dizeres: 20 anos sofrendo, e usavam botons com a frase: fora nazistas. (OLIVEIRA, 2006).

Considerações Finais

Após o seu surgimento no final dos anos 70, o movimento *punk* retornou com força pelo mundo no início da década de 80, período que culminou com o final da ditadura militar no Brasil. Embora o momento fosse de transição, o autoritarismo ainda prevalecia e influenciava a mídia tradicional, que por não compreender o real significado, o caracterizou o movimento *punk* como uma ameaça à sociedade, pois eles eram violentos, arruaceiros e marginais.

Coube aos *punks* colocar em prática o lema: Faça Você mesmo, e assim produzir seu próprio canal de comunicação, para informar os integrantes da cultura sobre as apresentações das bandas e encontros, estabelecer um código de conduta, para

reprimir a violência e os confrontos, e também informar a população sobre o que era o movimento e quais eram os seus ideais.

Politicamente os *fanzines* procuraram esclarecer a questão da anarquia, com resumos de livros sobre o tema e também com indicações de publicações que pudessem esclarecer os punks sobre o seu real significado. Outro ponto que foi amplamente discutido foi em relação ao uso da suástica, que para os punks possuía um significado contrário ao dos nazistas, por ser um símbolo polêmico, as principais publicações, recomendavam que a marca não fosse utilizada.

Além dos assuntos de interesse dos *punks*, os *fanzines* brasileiros amadureceram e posicionaram-se contra a violência policial, o descaso social, abusos de grandes corporações sobre as comunidades carentes em Cubatão e posicionou-se contra o serviço militar obrigatório, contrapondo o assunto de forma racional, indicando que a mesma quantia poderia ser aplicada em causas sociais.

Por não terem fins lucrativos, havia a cooperação entre os editores dos *fanzines*, que apoiavam e incentivavam a discussão aberta a todos, o que poderia ser feito através das publicações, ou então com a criação de uma nova. Os *fanzines* tiveram no movimento punk um papel importante para conscientização dos jovens sobre os ideais do movimento e procurou instruí-los sobre as questões polêmicas que eram distorcidas pela grande imprensa e que resultava na discriminação dos integrantes.

Referências

O'HARA, Craig. **A filosofia Punk**. Mais do que barulho. São Paulo: Radical Livros, 2005.

GILLMOR, Dan. "Prólogo". In: **Nosotros, el medio**: Cómo las audiencias están modelando el futuro de la noticias y la información. Colombia: El tiempo, 2005. Disponível em : http://www.hypergene.net/wemedia/download/we_media_espanol.pdf . Acesso em: 18/nov./2013

MAGALHÃES, Henrique. **O rebuliço apaixonante dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2011.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência** – O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2004.

CORNIANI, Fabio Rodrigues. "Romaria Folkcomunicacional". In: **IX Anais do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte**. Rio Branco: Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

OLIVEIRA, Antônio Carlos de. **Os fanzines contam uma história sobre punks**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.